

América Latina: Imaginário, realidades e **turismo**

ALEXANDRE PANOSSO NETTO * [panosso@usp.br]

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO ** [trigo@usp.br]

Resumo | As diferentes realidades e cenários latino-americanos são o resultado histórico de diversas raças, culturas, paisagens e vidas compartilhando o mesmo continente durante quinhentos anos, com suas glórias e lutas. A principal vertente cultural veio da Europa e mesclou-se com outras vertentes provenientes da África e outras já existentes na própria terra. A literatura, a política, as religiões e crenças, a história e a geografia, modelaram os limites e possibilidades contemporâneas desse enorme hub, dividido em 20 países, centenas de ilhas e milhares de cores, odores e sons. O turismo é igualmente resultado desse cadinho étnico-cultural.

Palavras-chave | Cultura, História, Turismo, América Latina.

Abstract | The different Latin-America scenarios and realities are the historical result of several races, cultures, landscapes and lives sharing the same continent during five hundred years, with his joys and struggles. The main cultural mainstream came from European and melted with other mainstreams from Africa and the natives. The literature, politics, religions and beliefs, the history and geography, shaped the contemporary possibilities and limits of this enormous hub, spread in 20 countries, hundreds of islands and thousands of colors, smells and sounds. The tourism is also result of this melting pot, ethnical and cultural.

Keywords | Culture, History, Tourism, Latin America.

* **Doutor em Ciências da Comunicação** pela Universidade de São Paulo. **Livre Docente em Lazer e Turismo** pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

** **Doutor em Educação** pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). **Livre Docente em Lazer e Turismo** pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e **Professor Titular** da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

1. Introdução

A América Latina é uma região que sempre deslumbrou os viajantes. Conquistadores, missionários, funcionários das cortes, comerciantes, traficantes, aventureiros, cronistas e cientistas sempre se extasiaram ante suas regiões naturais e a cultura de seus povos autóctones. Tais povos estão espalhados pelo vasto território que é composto por metrópoles ricas e aldeias frágeis e pobres.

Do México à Patagônia, são 21 milhões de quilômetros quadrados e quase 600 milhões de pessoas. Hoje estão divididos em 20 países, sendo eles: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Prevaecem línguas latinas como o português e o espanhol e, em pequena escala, francês, e italiano. Há também as línguas nativas, faladas por tribos ou grupos menores, como quéchua, xavante, guarani, aymara, nahutl e línguas maias. O imaginário dessa parte do continente americano, ao sul da América anglo-saxônica, é um mosaico formado ao longo dos séculos por visões estrangeiras e nativas que se sobrepõe à realidade local.

O imaginário sobre a América Latina começou a ser construído de forma dúbia. Ocorreu baseado nas confrontações humanas ante o desconhecido dos olhares europeus da época das grandes navegações do século XVI, que levaram portugueses e espanhóis pelo mundo.

O ditado português quinhentista já previa possibilidades heterodoxas e desviantes face à rígida moral europeia, invalidada nos novos continentes: “abaixo do Equador tudo era permitido”. O músico e compositor brasileiro Chico Buarque expressou esse sentimento na música intitulada *Não existe pecado ao sul do Equador*:

Não existe pecado do lado de baixo do equador;
Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor,
Me deixa ser teu escracho, capacho, teu cacho,
Um riacho de amor. Quando é lição de esculacho,
olha aí, sai de baixo, que eu sou professor.

O tema da música trata-se de uma releitura da obra *Tristes Trópicos*, do antropólogo francês Levis Strauss (1996. Primeira edição de 1955). As bases morais do novo continente estavam lançadas. Além da moral sexual relaxada, havia também as liberalidades econômicas, políticas e uma lacuna cultural. Tal lacuna era preenchida parcial e sectariamente, apenas pelas missões dos jesuítas, franciscanos, dominicanos e outros religiosos que trouxeram a cruz de Cristo ao lado das espadas dos conquistadores europeus.

2. Uma história rica em imagens

Os primeiros séculos após o ‘encontro’ de europeus e índios foram de confronto, êxtase e luta. Lutavam contra uma natureza estranha e exagerada que se esparramava pelos imensos territórios selvagens. Os nativos que sobreviveram à conquista europeia não possuíam escrita para expressar suas ideias. A América Latina foi retratada, nos livros e periódicos, por estrangeiros que chegavam às suas terras. Depois eles relatavam suas experiências nos “tristes trópicos” ou, segundo interpretações mais antigas, nos simulacros dos jardins do Éden.

Alguns indígenas guaranis tinham o mito da “terra sem mal”, pela qual eles procuravam ao longo de suas viagens pelo interior selvagem das terras sul-americanas. Os europeus, por sua vez, tinham uma vaga ideia de que o Éden bíblico poderia situar-se em algum ponto das novas terras descobertas. Sérgio Buarque de Holanda (2010) dedicou dois capítulos de seu livro, *Visão do Paraíso*, especificamente ao tema: *Paraíso Perdido* (capítulo 7) e *Visão do Paraíso* (capítulo 8):

De qualquer modo não se poderá dizer que a sedução do tema paradisíaco tivesse sido menor para os portugueses, durante a Idade Média e a era dos grandes descobrimentos marítimos, do que o fora para outros povos cristãos de toda a Europa e mesmo judeus e muçulmanos. [...]. A crença na realidade física e atual do Éden parecia então inabalável (Holanda, 2010, p. 226).

Além do mito judaico-cristão haviam outros mitos pagãos que falavam de terras e ilhas fantásticas ao oeste da Europa, perdidas na imensidão dos mares bravios. A ilha de Hy Brasil era relatada na mesma latitude dos Açores, ou ao sul da Irlanda. As ilhas dos Lotófagos e de Próspero situavam-se no Mediterrâneo, portanto poderiam existir outras maravilhas nos oceanos ignotos e imensos que se estendiam para além das colunas de Hércules (Page & Ingpen, 1992).

O mito do Eldorado (do castelhano *El Dorado*, 'O Dourado'), Manoa (do achaua *manoa*, 'lago'), ou Manoa del Dorado, surge nos anos 1530. Era a história de um indígena da Colômbia que se cobria com pó de ouro e mergulhava em um lago dos Andes. Inicialmente um homem dourado ou rei dourado, depois imaginado como um lugar riquíssimo em ouro.

Sedentos por mais ouro, os conquistadores fizeram o mito migrar para leste, para os Llanos da Venezuela e depois para além, no atual estado brasileiro de Roraima ou nas Guianas. Na forma tomada pelo mito a partir do final do século XVI, a cidade dourada, agora conhecida como Manoa, se localizaria no imenso e imaginário lago Parima, fundada por incas refugiados da conquista de Pizarro. O mito é semelhante ao de Paititi ou Candire, uma cidade cheia de riquezas que teria servido de refúgio a incas que escaparam da conquista espanhola, mas costuma ser localizada muito mais ao sul, entre as selvas da Bolívia e Peru ou no Brasil. Os dois mitos têm origem comum no sonho de conquistadores de enriquecer, a exemplo de Francisco Pizarro, o conquistador dos incas (Page & Ingpen, 1992, p. 109-111).

As primeiras imagens sobre as terras americanas surgiram no início do século XVI, pelas gravuras que acompanhavam as cartas de Américo Vespúcio, publicadas como folhetim. Na época, nem Vespúcio tinha ideias muito claras onde tinha aportado, nem os cartógrafos estavam de acordo sobre sua localização. O nome *América*, foi adotado pelo cartógrafo alemão Martin Waldseemüller, em 1507, quando desenhou um novo planisfério e incluiu, pela primeira vez, a terra recentemente encontrada.

O nome do lugar nasce do desejo de superar o âmbito lendário, instaurado pela suposição da existência utópica de ilhas e passagens, pela descoberta de terra firme e pelo encontro de um continente habitado. Além do Atlântico tudo era lenda, e, por isso, os testemunhos dos viajantes passam a adquirir foro de verdade e as imagens que suscitam são vistas como evidências (Belluzzo, 1994, p. 18).

Os dois primeiros livros com ilustrações de viajantes franceses ao Brasil foram feitos por André Thevet. Eram intitulados *Les singularitez de la France Antarctique* (1557), e *La comographie universelle* (1575). Thevet acompanhou a expedição de Villegagnon (1555) à região do Rio de Janeiro, no intuito de fundar a França Antártica, projeto que soçobrou face à resistência portuguesa. Porém deixou ilustrações e comentários sobre as coisas estranhas, extraordinárias e exóticas do novo mundo que era descortinado aos europeus. Animais, plantas, indígenas e paisagens formam um imaginário fantástico que retrata um paraíso dúbio, desconhecido, instigante e fascinante.

As ilustrações de Cesariano, para o livro *De Architectura* (1521), de Vitruvio, provavelmente foram as principais fontes para os ilustradores do século XVI e que marcaram o imaginário sobre a América. Eram mostradas principalmente

Imagens baseadas na concepção dos antigos sobre a vida dos homens primitivos nus, agachados, reunidos em bando, vivendo prazerosamente em torno do fogo, que era interpretado como símbolo da passagem do homem para a vida social. [...] Eram seres com corpos bem formados pela vida ativa, em contato com a natureza, belos homens e mulheres, harmoniosamente dispostos e serenos como heróis gregos (Belluzzo, 1994, p. 39).

Outros ilustradores como Jean de Léry, Theodore de Bry, Assuerus de Londerzell multiplicaram as imagens sobre as terras descobertas. Apesar de retratarem regiões que hoje formam o Brasil, essas

lustrações tomavam a parte pelo todo. No caso brasileiro, na origem de todos os relatos está a do alemão Hans Staden, que viveu como prisioneiro junto aos índios tupinambás. Sua história assumiu contornos de lenda e fundou a literatura de viagem relacionada ao país (Belluzzo, 1994).

Um dos primeiros paisagistas das Américas foi Franz Post, um jovem pintor holandês que chegou ao nordeste brasileiro em 1637, com 25 anos de idade. Seus quadros com as paisagens de Olinda, Recife e os interiores de Pernambuco, são preciosidades artísticas. Uma publicação elencou os artistas estrangeiros que retrataram o Brasil e a América do Sul, por ocasião dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Ali estão relacionados os artistas que formaram parte significativa da vertente do imaginário latino-americano: Albert Eckhout (1610-1655), Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), Thomas Ender (1793-1875), Jean Baptiste Debret (1768-1848), Conde de Clarac (1777-1847), Arnaud Julien Pallière (1783-1862), Aimé Adrien Taunay (1803-1828), Johann Moritz Rugendas (1802-1858, cujas telas sobre as florestas são impressionantes pela beleza e escala ciclópica), Charles Landseer (1799-1879), William Burchell (1781-1863), Eduard Hildebrandt (1818-1869), C. J. Martin (1820-1860?), Abraham Louis Buvelot (1814-1888), Raymond A. Q. Monvoisin (1794-1870), Joseph Leon Righini (1820-1884), Ferdinand Keller (1842-1922), François-Auguste Biard (1798-1882), Henri Nicolas Vinet (1817-1876) e Emil Bauch (1823-1890). Havia também os fotógrafos estrangeiros do século XIX que foram pioneiros em retratar, com a nova técnica, o mundo sul-americano. Entre eles destacam-se Louis Compte, Victor Frond, Benjamin Mulock, August Stahl, Revert-Henry Klumb, George Leuzinger, August Riedel, Alberto Henschel, Albert Frisch, Marc Ferrez. Finalmente, do século XX estavam fotos profissionais de Claude Lévi-Strauss, Pierre Verger, Marcel Gautherot Jean Mazon, Geneviève Naylor e Orson Welles. (Ferreira, 2000).

A longa lista de artistas estrangeiros mostra como o continente sempre foi uma atração estética,

sensual e cultural para o imaginário europeu. Talvez apenas a África dividia a atenção europeia e mundial com as Américas.

Em 1799, Alexandre Von Humboldt e Aimé Bonpland chegam à América do Sul em meio a um complexo tecido social e uma conjuntura histórica crítica. Vieram para fazer um trabalho de viagens, pesquisas e relatos que provocaram uma reinvenção ideológica do continente que atingiu os dois lados do Atlântico. Foram 30 volumes, intitulados *Viagem às regiões equinociais*, que, por sua vez, influenciaram as viagens de Darwin e recebeu elogios de Simon Bolívar.

Outro livro importante, produzido por Humboldt, foi *Views of Nature (1808), Views of the cordilleras and monuments of the indigenous people of América (1810)*. Sobre ele, afirmou Pratt (2010, pp. 229-230):

Humboldt reinventou a América do Sul em primeiro lugar e, sobretudo como natureza. Não a natureza acessível, coletável, reconhecível, mas uma natureza impressionante, extraordinária, um espetáculo capaz de superar a compreensão e o conhecimento humanos. Não uma natureza que espera sentada que a conheçam e possuam, mas uma natureza em ação, dotada de forças vitais, muitas das quais invisíveis aos olhos humanos; uma natureza que diminui os seres humanos, domina seu ser, desperta suas paixões, desafia seus poderes de percepção.

A imensa obra de Humboldt canonizou três quadros naturais sul-americanos: (i) superabundância de bosques naturais (Amazonas e Orenoco); (ii) montanhas cobertas de neve (Andes e os vulcões do México) e; (iii) as vastas planícies interiores (Venezuela e os pampas argentinos).

Esses primeiros relatos de viagem mais científicos fazem parte de uma literatura representada por outros desbravadores como Henry Stanley, que presenciou o saque da África; Roger Casement, que viajou para expor os horrores descritos por Stanley; e Joseph Conrad, o anglopolaco que converteu a

ruína do Congo em alegoria do fracasso da Europa e teve sua obra prima, *Heart of Darkness* (1903). Essa última obra foi adaptada ao cinema no filme *Apocalypse Now* (Dir. Francis Coppola, 1979), com os cenários transplantados ao sudeste asiático (1970), em uma guerra travada pelos norte-americanos contra os vietcongues.

3. Atração e estranhamento

A natureza da África, Ásia e América Latina são estranhas e assustadoras. Basta ver os relatos sobre o Camboja de André Malraux (*O caminho real*, 1930) para perceber como a opressão viscosa e quente das florestas esmaga a vontade dos seres humanos que se aventuram por aquelas muralhas verdes. É impossível não comparar o desespero das florestas com o estranhamento causado pelas planícies sul-americanas inundadas e tão terríveis quanto as matas cerradas e misteriosas. As mesopotâmias do sul envolvem as bacias fluviais que se perdem nos horizontes por entre águas e terras baixas, cobertas de vegetação e desolação. Sobre isso Saer afirmou:

O odor desses rios é ímpar nesta terra. É um odor da origem, da formação úmida e trabalhosa, do crescimento. Sair do mar monótono e penetrar neles foi como descer do limbo à terra. Quase nos parecia ver a vida se refazendo do musgo em putrefação, o barro vegetal acolher milhões de criaturas sem forma, minúsculas e cegas. Os mosquitos enegreciam o ar nas imediações dos pântanos. A ausência humana não fazia mais que aumentar essa ilusão de vida primordial (Saer, 2002, p. 26).

A natureza selvagem oferece aos viajantes a opressão de seu tamanho, o estranhamento e a solidão, sem contar o horror aos seus perigos latentes, esquivos e quase alienígenas. Aos perigos naturais das terras exóticas (exóticas para quem?) somam-se algumas poucas lendas e ruínas intrigantes.

Os mitos das civilizações perdidas têm suas origens nos destroços de monumentos ciclópicos, deixados encobertos pelas florestas ou abandonados nos platôs. Somente no século XIX, arqueólogos como F. Catherwood e outros os trouxeram à luz. Assim o mundo conheceu as cidades de pedra de Yulcatán, o complexo de Tehotihuacan, as obras arquitetônicas e rupestres de Tiahuanaca, Nazca, Machu Picchu e Cuzco. Esses antigos templos são tão estranhos que, juntamente com seus paralelos orientais, geraram as fontes do horror cósmico, estruturado por H. P. Lovecraft, na década de 1930. Foram transmitidos para seu círculo de seguidores literários e leitores por todo o mundo. Até hoje é difícil encontrar as obras de Lovecraft, inclusive nos sebos, tanto sucesso alcança sua visão niilista e terrível do mundo e da vida. É a América do Norte se voltando sobre seus medos inconscientes, frutos de gerações passadas, autóctones ou imigrantes que uniram seus horrores face ao novo mundo que os desafiava e estranhando profundamente seus vizinhos ao sul do México (ainda hoje, fronteira desafiadora e permissiva, representada por Tijuana e outros locais instigantes ao longo da divisa entre a América saxônica e a latina).

É o mesmo medo, relatado no interior do Brasil antigo, por Moraes (1995, p. 259):

Caminhamos para a Itaboca, a famosa Itaboca, o terrível Adamastor dos navegantes do Tocantins, o túmulo insaciável que guarda em suas profundezas centenas de cadáveres e dezenas de botes, o caminho provável para a eternidade, a viagem pelo desconhecido, o presente absorvido pelo passado; o tempo sem futuro! A Itaboca é o negro pensamento que, desde o alto Araguaia, sombreia a frente dos mais audazes navegantes e os prostra absorvidos das sinistras previsões de uma catástrofe!

Ou, em contraposição ao medo, a coragem do padre alemão Sommer, em *Vila dos Confins*. Ali, em uma oca escura, ele espregueia e caça a onça negra com uma simples zagaia. Vale-se dos ensinamentos

de outro caçador e de sua coragem e sangue frio ante o maior terror dos mamíferos: enfrentar um felino na escuridão, no espaço fechado de uma gruta desconhecida (Palmério, 1989, p. 88).

A natureza selvagem assolou o continente por séculos.

Vila dos Confins é, à sua maneira, um 'retrato do Brasil', tão amargurado e melancólico quanto o de Paulo Prado, mas infinitamente mais chocante, isto é, mais eloquente. O Brasil é 'aquilo', ainda será 'aquilo' por muito tempo: é espantosa a diferença de 'idades culturais' que nos separam, homens das grandes cidades dos brasileiros do interior (Palmério, 1989, p. xvi).

São vários Brasis que se sobrepõem e se contrastam. Vale o mesmo para a América Latina. Suas diferenças brutais na economia, na cultura e nos diversos estágios de desenvolvimento e conflitos também caracterizam a macrorregião. Certa tristeza e melancolia se instalam pelas *Macondos* latinas. Sentimentos esses tão dóidos que podem ser denominados de angustiantes e que brotam até mesmo na simplicidade cotidiana.

A solidão do continente tem um patrono: Octávio Paz. Em seu clássico *O labirinto da Solidão*, retrata o conflito paradoxal do México, "filho de uma dupla violência imperial e unitária: a dos astecas e a dos espanhóis" (Paz, 1984, p. 92).

Jorge Luis Borges preenche sua volumosa obra literária com motivos europeus que são, repetidamente, mesclados ao imaginário latino-americano. Espelhos, labirintos, espadas, ética, tigres e velhice compõe sua obra, escorada nos ensinamentos da literatura e da filosofia. Entre as línguas saxônicas e o espanhol, Borges criou um imaginário próprio que ultrapassa as fronteiras portenhas ou argentinas. Seus textos *Fervor de Buenos Aires*, *Cuaderno San Martín*, e *El Martín Fierro*, mostram uma Argentina culta, mas latina. Diferente, é verdade, de Robert Arlt, o primeiro escritor argentino a introduzir na literatura a paisagem portenha dos arrabaldes pobres, os heróis urbanos. Tudo isso faz parte do

Labirinto latino-americano, título do ensaio de Ianni (1973), sobre as interpretações históricas, os dilemas das questões nacionais e os labirintos de ideias do continente.

4. O sagrado e o profano

A sobreposição do cristianismo oficial e popular às crenças nativas torna-se o início de uma construção do imaginário espiritual. Os negros africanos são um capítulo especial na história do continente. Protagonizaram, no final do século XVIII, a única revolta vitoriosa dos escravos contra os senhores brancos, e fundaram, no Haiti, um país que se tornou, com o tempo, um exemplo de miséria, corrupção e opressão, dessa vez por seus próprios irmãos negros. Porém, da Louisiana até as costas brasileiras, passando pelo Caribe e América Central, a cultura negra criou novos laços espirituais, às vezes sobrepostos ao catolicismo ou aliados às crenças nativas, que forjou identidades e expressões culturais que atraíram a atenção de antropólogos como Pierre Verger e Roger Bastide, unindo os continentes africano e americano.

Europeus, africanos e nativos americanos sentiram o peso da conquista e da exploração do continente, seja pela solidão, pela angústia ou pelo estranhamento. Por parte dos nativos, quase nada ficou das suas ideias, sonhos e esperanças. Não houve futuro para os povos autóctones do continente, devastados por guerras, doenças, misérias de todo o tipo. Os pouquíssimos poemas aztecas, maias e quéchuas são desconhecidos, com raras exceções retiradas dos destroços da história como a coletânea *El reverso de la conquista* (Leon Portilla, 1978).

Não é apenas a natureza que provoca esse estranhamento, mas também a cultura. Nesse sentido o realismo fantástico é algo que surge no bojo de uma literatura rica, inovadora e comprometida com suas raízes e cruzamentos culturais. Entender a América Latina significa necessariamente ouvir

suas músicas, assistir seus filmes, ver suas danças e talvez dançá-las em uma noite cálida, sob a lua cheia, ligeiramente embriagado pelos licores locais. Envolve participar das festas dos mais variados tipos e gostos, contemplar suas cidades majestosas onde a miséria e o luxo se sobrepõe, desde os morros ocupados por casebres pendurados nas encostas até as periferias que ora possuem condomínios luxuosos, ora são arrabaldes miseráveis sem nenhuma infraestrutura ou beleza.

E há que se ler seus livros. Tantos conflitos, belezas, guerras e riquezas geraram uma literatura forte e primorosa. Vários de seus escritores(as) ganharam o prêmio Nobel: os poetas chilenos Gabriela Mistral (1945) e Pablo Neruda (1971); o colombiano Gabriel García Márquez (1982), o guatemalteco Miguel Ángel Asturias (1967), o ensaísta e poeta mexicano Octavio Paz (1984); e o peruano Mario Vargas Llosa (2010). O argentino Jorge Luis Borges provavelmente não ganhou o Nobel de Literatura por suas posições conservadoras, o que é uma lástima, pois sua obra é genial.

Na década de 1930, três jovens escritores latino-americanos (Miguel Angel Astúrias, Arturo Uslar e Alejo Carpentier) em Paris, resolveram ignorar o surrealismo francês, desnecessário segundo eles, pois em seu continente abundava o “real maravilhoso”. Surge assim o realismo fantástico que atinge um dos seus pontos altos com *Cem anos de solidão* (1967) de Gabriel Garcia Marques. Trata-se de uma obra que possui relatos sobre a magia, os milagres, o mítico-lendário e o fantástico que acontecem em Macondo, a cidade fictícia do romance que se tornou, ela mesma, uma realidade fantástica da cultura universal.

5. Populismo e ditaduras

Do realismo fantástico ao populismo da primeira metade do século XX, o continente adquiriu características próprias, nem todas louváveis, mas

autóctones. O populismo foi um fenômeno típico de passagem das arcaicas sociedades agrárias para as sociedades urbanas, industriais e um pouco mais modernas. Aconteceu no México, sob a liderança do General Porfírio Díaz, no final do século XIX e com Lázaro Cárdenas (1934-1940); na Argentina, com Yrigoyen na década de 1920, e com Juan Domingo Perón (1946-1955); no Equador, nos governos de José Maria Velasco Ibarra, em diversos momentos entre 1934 e 1972; na Bolívia com Víctor Paz Stensoro e Hermán Siles Suazo, nas décadas de 1930 a 1950; no Brasil, com Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954) e o governo trabalhista de João Goulart (anos 1960).

No século XXI há um recrudescimento populista na Venezuela e na Bolívia, com governos de tendência esquerdista e pouco democráticos. Há também fenômenos localizados de popularidade intensa, como o governo Lula, no Brasil (2003-2010), porém com estruturas democráticas e pluralistas, acompanhadas de grande desenvolvimento econômico. Um padrão no continente é a ditadura cubana, vigente desde 1959, um dos últimos locais do planeta com o rótulo “socialista” e práticas autoritárias e centralizadoras.

Os momentos trágicos recentes do continente aconteceram durante as ditaduras militares que se espalharam a partir de 1964, com a tomada autoritária do poder no Brasil (até 1985), seguido pelas tomadas sangrentas de poder na Argentina (1966-1983), Chile (1973-1989), Uruguai (1973-1984), Bolívia (1971-1985), Guatemala (1970-1985), Peru (1968-1980), com os regimes de El Salvador (1931-1979) e Paraguai (1954-1989) tendo maior longevidade nesses regimes de força. Em pleno contexto da Guerra Fria (1947-1991), as burguesias latino-americanas procuraram se escorar nos militares locais, com apoio tácito dos Estados Unidos. Tal ação trouxe efeitos desastrosos para a economia e cultura locais. Barrou o desenvolvimento, controlou os privilégios intocados de poucos e dificultou os avanços sociais. Porém, alcançou seu objetivo: combater as tendências socialistas e manter o *establishment* adquirido.

6. Problemas pontuais e possíveis soluções para o turismo latino-americano

O contexto descrito e analisado ajudou a criar dificuldades para a sociedade e economia locais e, conseqüentemente, para o turismo. Deve-se considerar que o turismo não se desenvolve a contento na macrorregião porque sofre os efeitos negativos da má gestão pública, da pobreza e da falta de educação formal de sua da população.

Entre os principais problemas pontuais para o desenvolvimento do turismo na América Latina, podem ser destacados:

- A pouca preocupação com o meio ambiente em alguns destinos.
- A ausência de trabalhadores capacitados para atender às demandas turísticas;
- A descontinuidade das políticas públicas e planos de turismo. A cada novo governo que assume é comum o estabelecimento de um novo plano turístico.
- A pobreza, em grande parte, da população que habita a macrorregião, ainda que países como Chile, México e Brasil tenham crescido economicamente nos últimos tempos.
- A visão equivocada do estrangeiro sobre o que é a América Latina e suas possibilidades para o turismo. No caso soma-se a isso a falta de uma imagem clara do turismo nos países.
- As instabilidades econômicas regionais que não permitem a continuidade de planos de investimentos turísticos. Isso dificulta também o acolhimento de investimentos estrangeiros no setor de turismo.
- A grande distância dos principais destinos emissores de turistas, entre eles a Europa, a Ásia e até mesmo os Estados Unidos e o Canadá.
- A visão estereotipada das comunidades locais de que o turismo é atividade somente de pessoas ricas e que veem de longe. Tal perspectiva dificulta a inserção das comunidades locais no setor do turismo.

Mas como melhorar essa situação e corrigir seus equívocos? De certa forma, essas questões já foram discutidas anteriormente por Panosso Netto e Trigo (2009), e são aqui retomadas na íntegra.

É evidente a necessidade de se reposicionar a discussão e a ação sobre políticas de turismo, sejam nacionais ou internacionais, públicas ou privadas, setoriais ou comunitárias, macro ou micropolíticas. Vários problemas precisam ser enfrentados. Um deles é acabar com o discurso que só vê qualidades no turismo e condena os críticos como se não tivessem visão estratégica. Outro problema é o costume equivocado de não preparar as comunidades e os diferentes setores para discutir em conjunto e se co-responsabilizarem pelos projetos e políticas turísticas. Fala-se muito sobre a responsabilidade dos governos, mas pouco sobre a responsabilidade da sociedade civil organizada: sindicatos, organizações de ambientalistas ou pessoas interessadas em qualidade de vida; empresários e suas organizações de classe.

Acredita-se que outro turismo é possível para a América Latina. Um turismo mais inclusivo, sustentável, responsável, participativo, ético e democrático. As possibilidades de crescimento equilibrado, justo e sustentável existem e as novas tecnologias devem privilegiar a vida em detrimento da luta pelo poder hegemônico que engendra o sofrimento e a morte.

Devem ser levados em consideração os seguintes itens para se construir não apenas um turismo melhor na América Latina, mas um mundo inteiro melhor:

- Acesso digital democratizado
- Cidadania.
- Combate ao preconceito em geral.
- Combate à corrupção, ao crime organizado e à impunidade.
- Combate ao turismo sexual infantil.
- Combate ao terrorismo em todas as suas formas.
- Democracia política.
- Diminuição das desigualdades econômica e social.

- Educação até o nível superior para todos.
- Entendimento de que o turismo não é apenas um fato econômico.
- Ética em todos os níveis governamentais, políticos e sociais.
- Globalização com ênfase também no social e não apenas no econômico.
- Inclusão em todos os sentidos.
- Justiça social.
- Liberalização de drogas leves como a maconha.
- Melhor distribuição de riquezas.
- Maior garantia de acesso às oportunidades para todos.
- Pluralismo democrático e cultural.
- Recuperação do sentido da paz e da liberdade.
- Solidariedade.
- Sustentabilidade.

O setor de viagens e turismo é um dos mais significativos da economia global, portanto, é importante enquanto construtor de uma nova ordem internacional. O turismo depende de uma sociedade equilibrada e justa para se desenvolver plenamente em qualquer lugar do globo.

Outro tipo de turismo será possível apenas em uma sociedade mais participativa. Capital e conhecimento são importantes nessa construção, mas a revalorização do humanismo é fundamental para que a vida seja preservada e dignificada. A vida humana, a vida animal e vegetal e o próprio planeta, que sustenta todas essas vidas, são os nossos maiores valores. O restante, ou seja, o dinheiro e a capacidade intelectual, devem estar subordinados à vida

da maioria, conforme todas as religiões e filosofias simbióticas preconizam há milênios. A humanidade realiza uma viagem pelo planeta que já conta 100 mil anos. Houve um imenso progresso material e intelectual nesse período, em comparação com os primeiros hominídeos, mas o mesmo não aconteceu com o progresso da consciência de que o planeta é a casa de todos os homens e mulheres, da vida em geral que já estava presente antes mesmo que os primatas aparecessem. A nossa meta é garantir que todos desfrutem dessa aventura no Universo e isso a ciência ou a tecnologia não podem garantir isoladamente.

Referências bibliográficas

- Ferreira, E. (Org.) (2000). *Mostra do descobrimento: O olhar distante*. São Paulo: Fundação Benal de São Paulo.
- Holanda, S. B. (2010). *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1959)
- Ianni, O. (1973). *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes.
- Leon Portilla, M. (1978). *El reverso de la conquista*. México: Joaquín Mortiz.
- Moraes, J. (1995). *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Page, M., & Ingpen, R. (1992). *Enciclopedia de las cosas que nunca existieron*. Madrid: Anaya.
- Palmério, M. (1989). *Vila dos Confins*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Panosso Netto, A. & Trigo, L. (2009). *Cenários do turismo brasileiro*. São Paulo: Aleph.
- Paz, O. (1984). *O labirinto da solidão e post-scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pratt, M. (2010). *Ojos imperiales*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Saer, J. (2002). *O enteado*. São Paulo: Iluminuras.
- Strauss, C. (1996). *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.